

# INTERVENÇÃO EDUCATIVA INTEGRADA PARA PROFILAXIA DA ESPOROTRICOSE EM COMUNIDADE URBANA NO RECIFE/PE

## *INTEGRATED EDUCATIONAL INTERVENTION FOR SPOROTRICHOSIS PROPHYLAXIS IN NA URBAN COMMUNITY IN RECIFE/PE*

G. A. LUCENA<sup>1</sup>; R. M. S. SIMÕES<sup>2</sup>; A. F. M. GRISOSTOMO<sup>3</sup>; I. M. ARAÚJO<sup>4</sup>; B. S. S. F. SILVA<sup>5</sup>; J. V. MENDONÇA<sup>6</sup>; T. R. F. MELO<sup>7</sup>; V. B. CAMPOS<sup>8</sup>; V. R. M. LAGO<sup>9</sup>; W. S. ALVES<sup>10</sup>; M. L. M. W. NEVES<sup>11</sup>; W. N. M. ALMEIDA<sup>12</sup>

### RESUMO

Observou-se, a partir do perfil epidemiológico da região associado a fatores ambientais, socioeconômicos e culturais, além de 32 entrevistas, a relação entre a prevalência da esporotricose e o desconhecimento da população sobre a doença, o qual culminava na prática de atividades de risco para a esporotricose (28,1% dos participantes declaravam ser donas de casa; 25% mantinham animais semi-domiciliados; 31,8% dos responsáveis por animais nunca os levaram ao médico veterinário). Para intervir nesse cenário, realizou-se ações de orientação sanitária (panfletagens e apresentações) em espaço público e unidade básica de saúde (UBS), nas quais participaram 62 pessoas. Embora a minoria desse quantitativo tenha sido obtida na UBS, neste local houve maior interação do público, com questionamentos mesmo durante a palestra. A avaliação do impacto das atividades foi possível com 33 participantes (46,67% do total de pessoas contactadas na intervenção), e constatou taxa média de acertos de 89,01%. Em síntese, o projeto foi capaz de estimular a mudança de hábitos relevantes à ocorrência da esporotricose ao promover, na população de risco, sensibilização comunitária de aspectos significativos à saúde única, levando à promoção de saúde.

**PALAVRAS-CHAVE:** Conscientização. Epidemiologia. Micose. Zoonose.

### SUMMARY

From the epidemiological profile of the region—associated with environmental, socioeconomic, and cultural factors—and through 32 interviews, a relationship was observed between the prevalence of sporotrichosis and the population's lack of knowledge about the disease, which resulted in the practice of risk behaviors for sporotrichosis (28.1% reported being housewives; 25% had semi-domesticated animals; 31.8% of pet owners had never taken their animals to a veterinarian). To address this situation, educational and sanitary guidance activities, including leaflet distribution and presentations, were implemented in public spaces and at a primary health care unit (PHCU), with 62 participants. Although only a minority of these participants were reached at the Primary Health Unit, this location showed greater public engagement, including questions raised even during the lecture. The impact assessment of the activities carried out was possible with 33 participants (46.67% of the total number of individuals contacted during the intervention), with a mean accuracy rate of 89.01%. In summary, the project was able to encourage changes in habits relevant to the occurrence of sporotrichosis by promoting awareness of significant One Health aspects among the at-risk population, thus contributing to health promotion.

**KEY-WORDS:** Awareness. Epidemiology. Mycosis. Zoonosis.

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA), Recife, PE, Brasil.

<sup>2</sup> Graduando do curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA), Recife, PE, Brasil.

<sup>3</sup> Graduanda do curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA), Recife, PE, Brasil.

<sup>4</sup> Graduanda do curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA), Recife, PE, Brasil.

<sup>5</sup> Graduanda do curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA), Recife, PE, Brasil.

<sup>6</sup> Graduanda do curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA), Recife, PE, Brasil.

<sup>7</sup> Graduanda do curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA), Recife, PE, Brasil.

<sup>8</sup> Graduanda do curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA), Recife, PE, Brasil.

<sup>9</sup> Graduando do curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA), Recife, PE, Brasil.

<sup>10</sup> Graduando do curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA), Recife, PE, Brasil.

<sup>11</sup> Docente do curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU), Recife, PE, Brasil.

<sup>12</sup> Docente do curso de Medicina Veterinária – Centro Universitário Brasileiro (UNIBRA), Recife, PE, Brasil.

## INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma zoonose causada por fungos saprófitos pertencentes ao gênero *Sporothrix*, em que o agente se torna patogênico ao entrar em contato com espécies de animais, via inoculação (FRANKLIN, 2022). Os gatos domésticos (*Felis catus*) são os principais hospedeiros, visto que são os mais acometidos, porém humanos, cães, cavalos, roedores, aves e suínos, também podem ser infectados (LARSSON, 2011).

Atualmente, o gênero é reconhecido como um complexo que inclui seis espécies distintas e de importância clínica (REZNIK, 2023). Segundo Rossow et al. (2020), o *S. brasiliensis*, que apresenta alta resistência e alta virulência, corrobora com maiores índices de ocorrência da esporotricose. Esta é a espécie mais comum em felinos e também é a maior responsável por surtos e manifestações graves em humanos (ASSIS et al., 2022; ROSSATO, 2017).

No geral, pode-se classificar a doença como cutânea localizada, linfocutânea, linfática ou disseminada, ainda que apresente tendência a formar lesões de caráter nodular, ulcerativo e exsudativo no local da inoculação em todos os casos (PIRES, 2017). Tanto em humanos quanto em animais a doença tende a persistir por longos períodos de tempo, porém quanto mais precoce for o diagnóstico, melhor é o prognóstico, visto que há aumento da probabilidade de sucesso terapêutico (PIRES, 2017).

Do ponto de vista sanitário, a esporotricose humana em Pernambuco é uma doença de notificação compulsória desde 2015, e passou a integrar a lista nacional em 2025 (LUCENA et al., 2023; BRASIL, 2025). Por outro lado, a esporotricose animal ainda não é de notificação compulsória no estado, o que caracteriza um cenário preocupante principalmente ao considerar que, entre os anos de 2016 e 2023, houve relatos de 2.180 casos em humanos e 1.502 em animais (SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE DE PERNAMBUCO, 2023).

A esporotricose é, portanto, uma doença de alto impacto na população, seja por sua característica zoonótica, seja pelo seu desenvolvimento clínico e longo tratamento. Dessa forma, este estudo busca relatar ações integradas para prevenção e controle da esporotricose animal e humana em uma comunidade no município de Recife, realizadas por alunos de graduação de medicina veterinária. O estudo é relevante porque atua como ferramenta para estimular a redução da incidência da afecção.

## DESCRIÇÃO DO CASO

Este estudo trata-se de um relato de experiência de ação educativa, sem coleta de dados identificáveis e sem intervenções clínicas, estando, portanto, dispensado de apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, conforme previsto na Resolução CNS nº 510/2016 (Art. 1º, incisos II e III). Todos os participantes foram informados sobre o caráter educativo da atividade e participaram de forma voluntária.

A comunidade do Recife, onde se realizou este estudo, está localizada no bairro da Torre. É uma região popular em que, de acordo com SIMEPE (2024), há predomínio de problemáticas vinculadas à saúde, ao saneamento básico e à coleta de lixo.

Tendo em vista a necessidade de minimizar a situação descrita, a intervenção proposta neste trabalho seguiu abordagem integrada, a qual foi realizada mediante estudo de caso descritivo e exploratório. Para isso, realizaram-se três etapas: identificação do perfil do local de estudo (a partir de diálogos e observação) e identificação dos fatores de risco; construção das ferramentas de educação em saúde (panfletos e práticas interativas); e o desenvolvimento das atividades interativas com a população, de forma que fosse possível a avaliação do impacto imediato.

### Perfil do local de estudo

A coleta de dados da comunidade ocorreu mediante visitas a clínicas veterinárias, a unidades de saúde e a comunidade em si, nas quais foram realizados diálogos com profissionais da saúde e com moradores da comunidade; além de observação por parte dos integrantes, objetivando a verificação de características inerentes ao bairro estudado.

Houve visita a três clínicas veterinárias próximas a comunidade, em que todas relataram frequência constante de animais positivos para esporotricose, muitos dos quais eram felinos com histórico de feridas aparentes e manejo semi-domiciliado. Além disso, os médicos veterinários contactados informaram ser comum, no contexto local, a observação de animais errantes com lesões aparentes.

O diálogo com a população, por sua vez, foi formulado a partir da perspectiva de saúde única e orientação sanitária, enfatizando a correlação da esporotricose com os humanos, o animal e o ambiente. A aplicação dessa ferramenta ocorreu “de porta em porta”, sendo frequentes os questionamentos sobre aspectos socioeconômicos e culturais. Os dados foram registrados com anotações em diário de campo, sem identificação dos participantes. A população se mostrou receptiva, ainda que alguns moradores tenham relatado a necessidade de realizar outros afazeres (trabalho, cuidar dos filhos, preparar refeição e faxina da casa).

Com essa abordagem, obteve-se 32 participantes, incluindo jovens, adultos e idosos, de ambos os sexos, bem como indivíduos com e sem vínculo empregatício. A seleção ocorreu de forma randomizada, pautada principalmente na disposição dos moradores em participar do estudo e não em características específicas de perfil populacional.

Dentre o total de envolvidos, apenas dois (6,25%) tinham conhecimento prévio acerca da esporotricose, ainda que 22 (68,75%) tenham relatado ter animais em casa. Destes últimos, oito (36,36%) adotavam manejo semi-domiciliado, sete (31,81%) nunca foram ao veterinário, 14 (63,63%) iam apenas quando os animais ficavam doentes e apenas um (4,54%) levou seu animal para a castração. Não obstante, 20 (90,90%) vacinavam apenas para a raiva.

Ademais, nove das 32 pessoas entrevistadas tinham a profissão de doméstica, e estas relataram atividades relacionadas com o cuidado de plantas em quintais. A saúde dos moradores também foi

questionada, e embora a maioria se considerasse hígido, oscilações nas visitas dos agentes de saúde foi percebida (Tabela 1).

**Tabela 1** - Comparativo do perfil de saúde dos entrevistados.

Nº DE IDENTIFICAÇÃO	IDADE	CONSIDERA-SE HÍGIDO?	USA O SUS	TEM PLANO DE SAÚDE?	VISITA DO AGENTE DE SAÚDE?
1	41-60	Sim	Sim	Não	Mensal
2	41-60	Sim	Sim	Não	Anual
3	41-60	Não	Sim	Não	Não
4	>60	Sim	Sim	Sim	Anual
5	41-60	Não (lesões)	Sim	Não	Não
6	>60	Sim	Não	Sim	Não
7	>60	Sim	Sim	Não	Não
8	41-60	Sim	Sim	Não	Não
9	41-60	Sim	Sim	Não	Não
10	21-40	Sim	Sim	Não	Não
11	41-60	Sim	Sim	Não	Mensal
12	41-60	Sim	Sim	Não	Mensal
13	41-60	Sim	Sim	Não	semanal
14	41-60	Sim	Sim	Não	Bimestral
15	41-60	Não (hipertenso)	Sim	Sim	Bimestral
16	<20	Não (febre)	Não	Sim	Não
17	41-60	Sim	Sim	Não	Mensal
18	>60	Sim	Sim	Não	Mensal
19	>60	Não (problema na próstata)	Sim	Não	Raro
20	41-60	Não (problema na tireoide)	Sim	Não	Mensal
21	41-60	Sim	Sim	Não	Mensal
22	>60	Sim	Sim	Não	Pouco frequente
23	41-60	Não (esporão)	Sim	Não	Não
24	<20	Sim	Não	Sim	Não
25	21-40	Sim	Sim	Não	Semanal
26	41-60	Sim	Não	Sim	-
27	21-40	Sim	Sim	Não	Pouco frequente
28	41-60	Sim	Sim	Não	Semanal
29	>60	Sim	Sim	Não	Pouco frequente
30	-	Não	Sim	Não	Mensal
31	>60	Sim	Não	Sim	Não
32	41-60	Sim	Sim	Não	-

Fonte: Autores, 2025.

Durante a pesquisa de observação, identificou-se a existência de terrenos baldios, de espaços arborizados, de resíduos sólidos nas ruas, e também de animais errantes com escore corporal baixo e lesões aparentes, especialmente felinos domésticos com feridas em rosto.

#### **Construção das ferramentas de educação em saúde**

Elaborou-se um panfleto contendo informações sobre o agente etiológico, a cadeia de transmissão, os principais sinais clínicos que podem revelar uma possível infecção pelo agente *Sporothrix* e a orientação de prevenção e controle da zoonose. Foram impressas 80 cópias. Também fora desenvolvido um material

*online* para suporte em caso de apresentação para um grupo maior de pessoas.

Para avaliar a eficácia das ações de conscientização, foram desenvolvidas dinâmicas lúdicas de perguntas e respostas, intituladas de “quiz” e “pergunta do milhão” (Figuras 1 e 2). Para isso, utilizaram-se seis perguntas, cujas temáticas incluíram capacidade de infecção em humanos, agente causador, formas de transmissão e medidas de controle e prevenção. Para obtenção do resultado das interações, organizou-se um local para anotação das respostas de cada participante, assim como para o posterior cálculo do percentual de erros e acertos presentes.

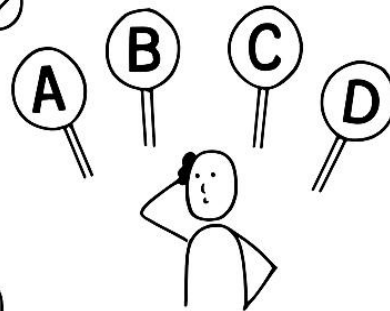
# INÍCIO

**PERGUNTA**  
**1**

**ALTERNATIVAS**  
**A B C D**



Participantes levantam as placas com a cor relativa à alternativa que escolheram



Responsável anota as respostas de cada participante



O mesmo ocorre para as demais perguntas, que ao total vão de 1 até 6

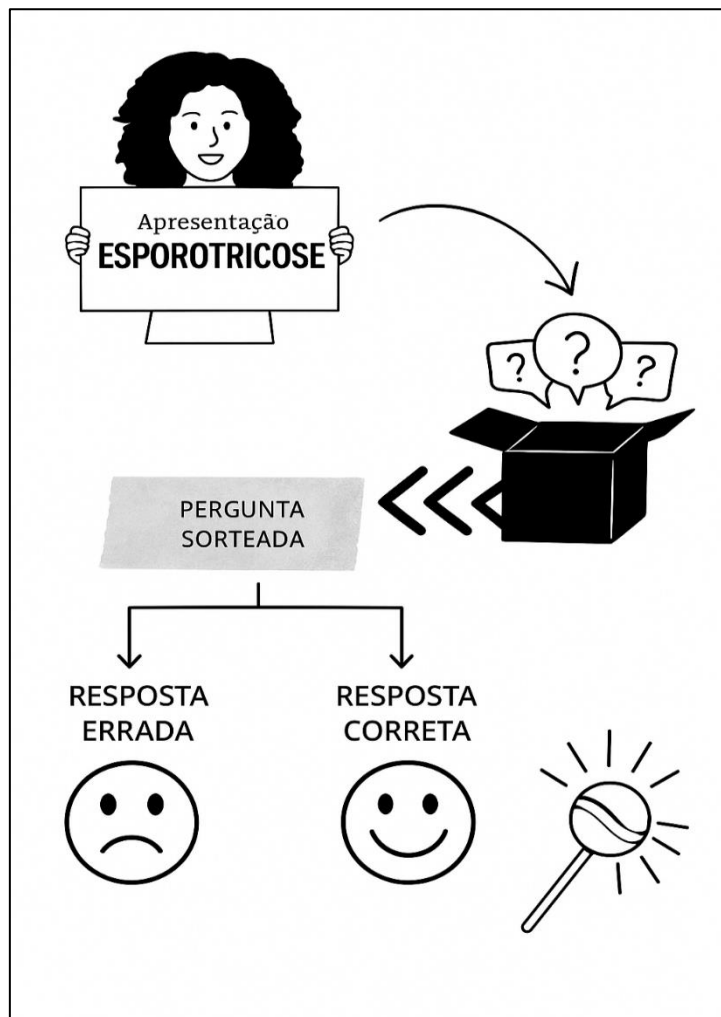


# PRÊMIO

**PARA O INTEGRANTE COM MAIS ACERTOS**

Fonte: Autores, 2025.

Figura 1 - Fluxograma visual de representação da dinâmica “quiz”.



Fonte: Autores, 2025.

**Figura 2** - Fluxograma visual de representação da dinâmica “pergunta do milhão”.

### ***Intervenção na comunidade***

Os locais escolhidos para execução das intervenções propostas foram tanto área externa pública quanto a unidade de saúde (UBS) da comunidade. As atividades ocorreram durante momento de maior movimento em cada local. Ademais, houve aviso prévio da população do bairro sobre a ação que seria realizada na UBS, o que permitiu aumento das pessoas presentes na unidade e, conseqüentemente, no local de apresentação.

Dessa forma, iniciou-se com visita às residências, priorizando aquelas que participaram da coleta de dados. Nesses casos, as pessoas se recordaram e demonstraram satisfação com o retorno da equipe além de interesse para com os materiais desenvolvidos. Em se tratando dos demais participantes, cuja seleção fora de forma aleatória, a panfletagem ocorreu de forma conjunta a diálogos explicativos. Para este grupo, percebeu-se necessidade de utilizar exemplos práticos indicando a diferença entre uma lesão qualquer e uma lesão pelo fungo da esporotricose, pois muitos participantes demonstraram acreditar que qualquer ferida ulcerada é obrigatoriamente indicativa da patologia.

Por outro lado, um participante relatou conhecer

dois felinos com lesão em rosto, e caracterizou uma das feridas especificamente com o termo “nariz de palhaço”, o que permitiu a suspeita da infecção. Ao solicitar melhor descrição do caso, fora relatado que os animais tinham fácil acesso à rua e, conseqüentemente, acesso a outros animais; ademais, viviam em local arborizado e com solo arenoso. Dessa forma, a equipe indicou visita a uma clínica veterinária para confirmar o diagnóstico.

Na ação em área externa, totalizaram-se 37 panfletos distribuídos e a utilização da dinâmica da “pergunta do milhão” foi possível em 70% dos casos. Os resultados da interação estão descritos na Tabela 2.

Durante a intervenção na UBS, iniciou-se o contato com o público a partir de uma palestra, a qual teve duração aproximada de 20 minutos e foi apresentada para 30 pessoas. O público se mostrou interessado e questionou bastante sobre o assunto abordado, mesmo durante a apresentação. A partir das dúvidas abordadas, inferiu-se que a maioria dos idosos não tinha conhecimento prévio sobre a doença. No entanto, aqueles com menos de 50 anos demonstraram um certo grau de conhecimento sobre a zoonose e também relataram lesões semelhantes às apresentadas em algum animal ou familiar / pessoa conhecida.

**Tabela 2** - Resultado de participação na dinâmica “pergunta do milhão” conforme perfil dos participantes.

	COM ACERTO	SEM ACERTO	% ACERTOS
ADULTO	15	2	88,23%
IDOSO	9	0	100,00%
<b>TOTAL</b>	<b>24</b>	<b>2</b>	<b>92,30%</b>

Fonte: Autores, 2025.

Ao final da apresentação, 19 panfletos foram distribuídos (nem todos os ouvintes aceitaram) e a dinâmica de “quiz” foi realizada. Nesta, participaram sete pessoas (resultados descritos na Tabela 3), o que

confere taxa de participação de 23,33% dos ouvintes. O restante dos panfletos foi deixado na UBS, o que possibilitou ainda disseminação da informação em momento posterior à intervenção desenvolvida.

**Tabela 3** - Resultado de participação na dinâmica “quiz” realizada na unidade de saúde.

QUESTÃO	NÚMERO DE ACERTOS	TOTAL DE RESPOSTAS	% ACERTOS
É uma doença que acomete apenas os animais?	4	7	57,14%
É uma doença causada por fungos, bactérias ou parasitas?	7	7	100,00%
O que fazer caso o seu animal apresente lesões sugestivas de esporotricose?	7	7	100,00%
Qual dessas não é uma forma de transmissão? (Opções: mordedura, arranhadura, acidente com espinhos, picada de inseto)	7	7	100,00%
Caso você tenha contato com um animal infectado, o que fazer?	4	7	57,14%
Qual dessas é uma forma de prevenção? (opções: luvas de jardinagem, não deixar o animal solto na rua, evitar contato com animais suspeitos, todas acima)	7	7	100,00%
<b>TOTAL</b>	<b>36</b>	<b>42</b>	<b>85,71%</b>

Fonte: Autores, 2025.

## DISCUSSÃO

Os aspectos que influenciam a ocorrência de uma doença em uma determinada população incluem condições socioeconômicas, culturais e ambientais (PALMEIRA; MIYASHIRO; CHAIBLICH, 2020).

Na comunidade visitada, o perfil geográfico de temperatura e clima é quente e úmido, o que por si só torna o ambiente propício ao desenvolvimento do agente; assim como a presença de árvores e arbustos - amplamente observados na comunidade - também predispõem a proliferação do fungo, visto que o microrganismo tem hábitos saprófitos (FALCÃO ET AL., 2019; FRANKLIN, 2022). Portanto, esse perfil tem relação direta com a epidemiologia da doença, porém, considerando a amplitude deste estudo, tais aspectos não são passíveis de modificação, tornando-se mais relevantes para a compreensão de que representam um fator predisponente inerente à área de estudo do que para redução ou controle de um componente da comunidade.

Por outro lado, o aspecto urbano desordenado é passível de modificação. As condições atuais da comunidade propiciam a proliferação de gatos errantes, sendo que a presença de *Felis catus* é fator de risco importante por ser o principal reservatório da doença, conforme cita Larsson (2011). Por isso, é de grande

importância a escolha da criação domiciliada dos animais, o controle populacional dos gatos e o descarte correto de lixo. Essas estratégias são sustentadas por estudos prévios, tais como os de Rossow et al. (2020), Franklin et al. (2022) e Reznik (2023), justificando sua utilização neste estudo durante a intervenção, ao expor as práticas como relevantes para a saúde única.

Ademais, tendo em vista que os animais da comunidade possuem baixo ou nenhum acompanhamento sanitário, há alta possibilidade de subdiagnósticos da esporotricose na espécie, assim como da não identificação de comorbidades que favorecem o desenvolvimento da patologia. Nakasu (2018), por exemplo, indica ser comum a coinfeção entre esporotricose e retrovírus. Dados a respeito do quantitativo de felinos imunodeficientes na comunidade em estudo não foram coletados, porém tendo em vista que a prevalência da Leucemia Viral Felina (FeLV) no Brasil pode ser superior a 30% em regiões urbanas com alta densidade de felinos (BEZERRA et al., 2024), a probabilidade de esta ser uma enfermidade que favorece a ocorrência da esporotricose na comunidade é alta.

Vale ressaltar também que a imunidade dos humanos também atua como fator agravante para a doença na espécie. De forma semelhante aos felinos, pacientes com vírus da imunodeficiência (neste caso o HIV), costumam apresentar a infecção de forma mais

grave, assim como diabéticos (ASSIS, 2022). Porém, em humanos especificamente, a imunossupressão também está intimamente relacionada com o desenvolvimento da forma extracutânea da esporotricose, a qual normalmente é rara neste hospedeiro (ASSIS, 2022).

Embora não tenham sido relatados casos de HIV nas entrevistas realizadas na comunidade, o questionamento a respeito da sanidade dos moradores (Tabela 1) revelou possível relação entre a presença de enfermidades e a baixa ou inexistente frequência de visitas de agentes de saúde. Dentre os oito participantes com enfermidades, 100% eram assistidos pelo agente de saúde com uma frequência igual ou superior a 30 dias ou não eram assistidos. Dessa forma, é possível que exista falha na orientação sanitária prévia dos moradores, assim como no acompanhamento e monitoração da saúde dos indivíduos, reduzindo as chances de prevenção, diagnóstico precoce e manejo adequado de possíveis enfermidades.

Não obstante a predisposição típica dos hospedeiros, o risco de adquirir a doença aumenta consideravelmente ao proporcionar interação quando a imunidade de ambos os indivíduos está comprometida ou ainda quando a exposição ao risco é feita regularmente. Barros et al. (2011) indicam que tais situações são fatores associados à esporotricose tanto por facilitarem o contato com ambiente contaminado quanto por aumentarem as chances de lesões traumáticas. Tal contexto está presente na comunidade estudada, ao observar os relatos de contato com animais que apresentavam lesões aparentes, bem como nos casos de manuseio constante de plantas. Especialmente em se tratando da ocupação de doméstica, obtida frequentemente como resposta nos resultados deste estudo, Nascimento (2019) indica sua relevância para o desenvolvimento do perfil urbano na epidemiologia da doença nos dias atuais, ainda que Soares et al. (2019) relatem grande correlação com profissões relacionadas às áreas rurais.

Dessa forma, percebe-se que os aspectos ambientais inerentes ao local de estudo, somados à condição sanitária dos próprios indivíduos que habitam a comunidade e à baixa frequência da visita de agentes de saúde refletem em fatores que favorecem a prevalência da esporotricose na região, especialmente pela perpetuação de hábitos cotidianos que constituem fatores de risco.

Porém, vale ressaltar que, para tais situações, é possível minimizar os riscos da doença mediante adoção de medidas de profilaxia. O uso de luvas ao cuidar de plantas, a escolha pela não interação com animais errantes sem proteção adequada e o contato para com um serviço de vigilância em saúde ou controle de zoonoses em casos suspeitos são ações simples enfatizadas nos trabalhos de Assis et al. (2022) e Madrid et al. (2017), o que sustenta a sua divulgação na intervenção com a população da comunidade, principalmente tendo em vista que estão associadas aos hábitos descritos pelos moradores da comunidade. Para promover mudança nos costumes, é necessário desenvolvimento de senso crítico e de responsabilidade

social, o que respalda a abordagem utilizada na intervenção.

Quanto ao mecanismo utilizado para a orientação sanitária na comunidade, observa-se que as ferramentas foram relativamente bem adaptadas ao público, pois, embora tenham obtido taxa de participação média de 46,67%, a taxa média de acertos foi de 89,01% e ainda possibilitaram momento para retirada de dúvidas, processo defendido por Ausubel (2003) para fortalecer a compreensão ativa do conteúdo. Ademais, tendo em vista que apenas fora realizada análise de impacto imediato, estudos futuros poderão incluir medidas prévias para avaliação comparativa.

## CONCLUSÃO

O entendimento de que o ser humano atua como parte da cadeia epidemiológica da doença ressalta a necessidade de orientação sanitária para redução dos fatores de risco. Neste trabalho, o estudo do perfil da comunidade colaborou com a escolha de abordagem educativa, resultando em boa adaptação das ferramentas utilizadas, a qual foi observada pela taxa de acerto das dinâmicas realizadas. Sendo assim, a ação na comunidade foi capaz de estimular mudança de hábitos relevantes à ocorrência da esporotricose. Para futuros trabalhos, é recomendada a participação de mais pessoas, visando abranger uma área maior, assim como executar intervenção em locais diversos e avaliar os resultados durante maior período de tempo. Entretanto, é válido ressaltar a importância do estudo, visto que as ações possibilitaram a promoção de saúde, especialmente baseada nos princípios da saúde única.

## REFERÊNCIAS

- ASSIS, G. S.; ROMANI, A. F.; SOUZA, C. M.; VENTURA, G. F.; RODRIGUES, A. E. S. Esporotricose felina e saúde pública. **Veterinária e Zootecnia**, v.29, p.1-10, 2022.
- AUSUBEL, David Paul. Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2003.
- BARROS, M. B. L.; SCHUBACH, T. P.; COLL, J. O.; GREMIÃO, I. D.; WANKE, B.; SCHUBACH, A. Esporotricose: a evolução e os desafios de uma epidemia. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v.27, n.6, p.455-460, 2010.
- BEZERRA, J. A. B.; LANDIM, C. P.; RIBEIRO, Y. S. R.; TERTULINO, M. D.; JUNIOR, R. F. S.; MARANHÃO, A. C. P. M.; BRASIL, A. W. L.; ANTUNES, J. M. A. P.; AZEVEDO, S. S. Epidemiological and clinicopathological findings of feline immunodeficiency virus and feline leukemia virus infections in domestic cats from the Brazilian semiarid region. **Preventive Veterinary Medicine**, v.226, p.106167, 2024.

- FALCÃO, E. M. M.; FILHO, J. B. L.; CAMPOS, D. P.; VALLE, A. C. F.; BASTOS, F. I.; GUTIERREZ-GALHARDO, M. C.; FREITAS, D. F. S. Hospitalizações e óbitos relacionados à esporotricose no Brasil (1992-2015). **Cadernos de Saúde Pública**, v.35, p.e00109218, 2019.
- FRANKLIN K. B. L.; BARROS, T. M. B.; SOARES, B. C. M.; LUZ, A. M. F.; MOREIRA, E. A. C. Esporotricose zoonótica e sua relação com o ambiente rural e urbano: revisão. **PubVet**, v.16, n.05, 2022.
- IMPRESA NACIONAL. **Portaria GM/MS n. 6.734, DE 18 DE março DE 2025 - DOU - Imprensa Nacional**. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-gm/ms-n-6.734-de-18-de-marco-de-2025-620767223>>.
- LARSSON, C. E. Esporotricose. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, v.48, n.3, p.250-259, 2011.
- LUCENA, R. C.; LIMA, L. B.; LIMA, C. S. O. V.; JÚNIOR, E. C. M. J.; BELO, P. H. F.; GOMES, K. M. C. G.; SENA, D. G. F.; SILVA, F. M. F.; MOURA, R. T. D.; LIMA, E. R. Ocorrência da esporotricose: Um registro da disseminação do complexo sporothrix schenckii na população de gatos domésticos nas regiões brasileiras. **Revista da Sociedade Científica**, v.6, p.359-381, 2023.
- MADRID, I. M.; OLIVEIRA, D. M.; SOUZA NETO, F. M. Ações de vigilância e controle da esporotricose zoonótica na cidade de Pelotas, estado do Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, v.15, n.1, p.77, 2017.
- NAKASU, C. C. T. Esporotricose: aspectos clínicos e terapêuticos, correlação com retrovírus e susceptibilidade a compostos químicos. 2019. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.
- NASCIMENTO, J. M. V.; PEREIRA, S. A.; GREMIÃO, I. S. F. Estudo de intervenção em educação em saúde: uma estratégia para a redução do abandono de tratamento na esporotricose felina. 2019. Dissertação (Pós-graduação em Pesquisa Clínica em Doenças Infecciosas) - Instituto Nacional de Infectologia Evandro Chagas, Rio de Janeiro, 2019.
- NONNEMACHER, A. R.; PALMA, H. E. A importância dos diagnósticos diferenciais de dermatopatias fúngicas em felinos-Revisão Bibliográfica. In: **SEMINÁRIO INTERINSTITUCIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO**, v.21., p.4, 2016.
- PALMEIRA, G.; MIYASHIRO, G. M.; CHAIBLICH, J. V. Trabalho, educação e saúde: textos introdutórios. In: ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO. Trabalho, educação e saúde: textos introdutórios. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2006.
- PERNAMBUCO. Secretaria Estadual de Saúde. **Boletins Epidemiológicos de Esporotricose – 2018 e 2021**. Recife, 2018; 2021.
- PIRES, C. Revisão de literatura: esporotricose felina. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**. São Paulo: Conselho Regional de Medicina Veterinária, v.15, n.1, p16-23, 2017.
- REZNIK, Alec Utida. Esporotricose felina. 2023. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Medicina Veterinária) – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de Botucatu, SP, 2023.
- ROSSATO, Luana. Sporothrix brasiliensis: aspectos imunológicos e virulência. 2017. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- ROSSOW, J. A.; QUEIROZ-TELLES, F.; CACERES, D. H.; BEER, K. D.; JACKSON, B. R.; PEREIRA, J. G.; FERREIRA GREMIÃO, I. D.; PEREIRA, S. A. A One Health approach to combatting Sporothrix brasiliensis: narrative review of an emerging zoonotic fungal pathogen in South America. **Journal of Fungi**, Basel, v.6, n.4, p.247, 26 out. 2020. DOI: 10.3390/jof6040247. PMID: 33114609.
- SANTOS, A. F.; AZEVEDO, M. I.; AMARAL, C. I.; GROM, N. G.; MARINHO, F.; OLIVEIRA, C. S. F.; SOARES, D. F. M.; MORAIS, M. H. F.; BRANDÃO, S. T.; MENEZES, R. C.; ECCO, R. Feline sporotrichosis: Characterization of cutaneous and extracutaneous lesions using different diagnostic methods. **Veterinary Pathology**, v.61, n.2, p.221-231, 2024.
- SECRETARIA ESTADUAL DE SAÚDE DE PERNAMBUCO. Boletim Técnico 2023: Esporotricose. Recife: Secretaria Estadual de Saúde de Pernambuco, 2024. Disponível em: <https://portalcievs.saude.pe.gov.br/docs/BOLETIM%20T%C3%89CNICO%202023%20ESPOROTRICOSE.pdf>.
- SINDICATO DOS MÉDICOS DE PERNAMBUCO. Vila de Santa Luzia/Torre resiste ao tempo. 2024. Disponível em: <<https://www.simepe.com.br/novo/luta-e-resistencia-da-vila-de-santa-luzia/>>.
- SOARES, J. R.; BARROSO, P. P.; PELEGRINE, L. A. F.; CASTRO, N. T.; ROCHA, L. F. Esporotricose Cutânea Disseminada por Transmissão Zoonótica em Paciente Imunocompetente. **Revista da Sociedade Portuguesa de Dermatologia e Venereologia**, v.77, n.4, 2019.